

Introdução

O objetivo deste livro é contar, da forma mais fiel possível, a história da rádio Pop Rock e do seu principal programa, o Cafezinho. A rádio que foi sendo construída sobre a base da Felusp FM e que conseguiu, saindo lá de baixo, se inserir no mercado das grandes emissoras de Porto Alegre, especialmente a partir do Cafezinho, que se tornou uma referência da Pop Rock e gerou até mesmo um programa similar na rádio Atlântida, com três integrantes do Cafezinho que saíram para fazer o Pretinho Básico, em 2007.

Paralelamente aos acontecimentos que fizeram o dia a dia da Pop Rock, o leitor também encontrará reflexões a respeito do rádio de uma forma geral. As dúvidas, os erros, os acertos, os projetos que funcionaram, os que não funcionaram, a montagem da equipe, a elaboração da programação e a possibilidade de registrar as mudanças provocadas pelas inovações tecnológicas a partir dos anos 1990, com o crescimento do uso da internet e o que podemos chamar de era digital. Da mesma forma que o computador alterava a maneira de se trabalhar em rádio, os ouvintes também foram impactados com outras formas de interagir com o rádio, através das redes sociais e dos dispositivos digitais, especialmente computadores e celulares.

Com a ajuda de muito exercício de memória, os relatos dos colegas que participaram de várias fases da rádio se misturam no texto. Foram utilizados alguns depoimentos feitos para a minha

dissertação de mestrado (BORBA, 2018), que procurou analisar as experiências relacionadas ao rádio e o público jovem. Para os fãs da rádio, será uma lembrança; para os estudantes de Comunicação e demais interessados no meio rádio, são informações que podem ajudar no processo de entendimento da experiência de montagem da rádio, a relação com a audiência, as dificuldades do mercado. Não se trata de apontar caminhos, enaltecer nossos êxitos ou dizer quem teve razão. Talvez a melhor expressão a ser usada seja: aconteceu deste jeito.

Foram muitas dúvidas e decisões pelo caminho. Às vezes, certas; outras, nem tanto. Mas a aventura experimentada e que envolveu tanta gente pode ser analisada e lembrada. E acredito que pode servir a todos aqueles que gostam de rádio, áudio, boas conversas, música, para que continuem (e eu me incluo nisso) envolvidos com este meio de comunicação que já foi tão forte e agora se encontra em uma nova encruzilhada com o advento do digital. Mas a paixão pelo rádio, ou pela produção de conteúdo em áudio, seja ela em que formato for, continua a mesma. É o que nos move a fazer e a escrever a esse respeito.



1. A SAÍDA DA IPANEMA FM

Para contar a história da Pop Rock, tenho que voltar um pouco no tempo. Isso porque, até que a rádio encontrasse o seu caminho com esse nome e formato, várias coisas aconteceram na gestação do projeto.

Do início, então. Em 1992, eu era locutor e programador musical na Ipanema FM, em Porto Alegre. No mês de setembro daquele ano, eu transmitia direto do Centro da cidade, do largo da Prefeitura, um ato público para acompanhar a votação para a abertura do processo de impeachment do então presidente Collor de Mello no Plenário da Câmara. No estúdio da rádio, a Nara Sarmiento fazia a base, enquanto eu e o Fernando Sorriso (na técnica) passávamos as informações sobre o evento, entrevistando as pessoas, os artistas e os políticos. Numa fita cassete encontrada por Reinaldo Portanova, do Relicário do Rock Gaúcho, pode se ouvir boa parte do que aconteceu. Aparecem entrevistas com Dedé (Dedé e os Ajudantes), Neto Fagundes, Beбето Alves e Vitor Ramil, além de trechos dos shows. Também tem outras participações de ativistas e políticos. A Ipanema FM fazia essas coisas. E ainda havia uma trilha sonora costurando as transmissões em que se podia ouvir: The Beatles – *Revolution*, Sérgio Ricardo – *Conversação de Paz*, Secos & Molhados – *Sangue latino*, Almôndegas – *Vento Negro*, Elis Regina – *Como os Nossos Pais*, João Bosco – *Ronco da cuíca*. Ou seja, era um ato político da rádio, pró-impeachment,

com todos os ingredientes de uma manifestação difícil de se ver ou ouvir numa rádio FM.

Para situar os fatos, naquele ano, os chamados “caras-pintadas”, vestidos de preto, gritavam pelas ruas: “fora, Collor”. O movimento teve adesão até da Rede Globo, que havia sido decisiva na eleição de Collor, naquele famoso debate entre Collor e Lula que gerou grande polêmica. O pedido de impeachment ganhava as ruas.

A Câmara aprovou a abertura do processo de impeachment, e, no dia 29 de setembro, Collor de Mello se afastou do Palácio do Planalto. Nesse dia, quando demos a notícia no ar, estávamos no estúdio da Ipanema, eu, a Mary Mezzari e a Nara Sarmento. Elas vibravam mais do que eu e ainda me perguntaram: “Tu não ficou feliz que o Collor saiu?” Respondi que sim, mas que o meu jeito de festejar era mais tranquilo. Talvez eu achasse que, no Brasil, tudo acaba voltando ao início, e já estivesse prevendo que um dia o Collor voltaria e ainda seria eleito pelo voto popular. O que de fato ocorreu. Mas, naquele dia ainda, no meio da euforia da saída do Collor, a Mary me questionou também: “E esse papo que tá rolando que tu vais pra Felusp? É sério?” Eu já tinha recebido o convite, mas ainda não sabia o que fazer.

Naquele início da década de 1990, a nova rádio inaugurada em Canoas começava a ameaçar o posto tranquilo da Ipanema no segmento rádio alternativa (rock) na Grande Porto Alegre. Era a Felusp FM, aproveitando a estrutura da Ulbra – Universidade Luterana do Brasil, que investia bastante em marketing e propaganda e promovia vários shows nas suas campanhas de vestibular. E foi num desses shows que tive o primeiro contato com a Ulbra/Felusp. No camarim do show dos Titãs no Gigantinho, fui apresentado à diretora de Comunicação da universidade, Sirlei Dias Gomes, e ela me perguntou, meio que de repente: “Quando vais tomar um café comigo lá no *campus*?” Achei que fosse uma mera tentativa de ser simpática e não levei muito a sério. “Qualquer dia desses”,

respondi. Alguns dias depois, Eduardo Santos, que já havia trabalhado comigo na Ipanema e que, naquele momento, fazia um programa chamado College Radio, na Felusp FM, me questionou ao telefone: “E aí? Quando vai rolar aquele café com a Sirlei?” Respondi que achava que não era sério, ao que ele retrucou: “É sério, cara! Ela tá me perguntando aqui quando é que tu vais aparecer. Vem aí, meu!”, dizia o Edu.

Marcamos, então, um dia no final da tarde, e fui até o *campus*, em Canoas. Fiquei surpreso com a estrutura da universidade e da rádio Felusp. Naquele momento, começava a sair da rádio Ipanema, onde eu trabalhava desde o seu início – na época, há quase dez anos. O convite era claro: assumir a gerência – que foi o cargo oferecido, mas, na realidade, tratava-se da direção artística da rádio Felusp FM, que, naquele momento, tinha quatro anos de existência e recentemente havia aumentado a sua potência. Nesse dia, encontrei, na Ulbra, o Carlos Konrath, da OPUS Promoções, com quem peguei uma carona para voltar e que foi a primeira pessoa a quem contei sobre a proposta que acabara de receber. Ele me incentivou a aceitar, citando a estrutura, o tamanho da universidade como estímulo para a nova empreitada.